

## Tradição grega, inovação romana: edifícios balneários no Norte da África - o caso egípcio

Claudia Ribeiro Campos Gradim\*

GRADIM, C. R. C. Tradição grega, inovação romana: edifícios balneários no Norte da África - o caso egípcio. *R. Museu Arq. Etn.*, 32: 79-86, 2019.

**Resumo:** Dentre as diversas práticas culturais trazidas pela conquista romana para suas províncias, os banhos se destacam pela longuíssima duração de seu funcionamento, pela vasta extensão geográfica que cobrem em três continentes, e pelo número significativo de vestígios que legaram. Quando comparamos as características arquitetônicas apresentadas por este conjunto, percebemos uma enorme variabilidade conforme nos deslocamos pelas diferentes áreas e períodos. Se nas províncias norte-africanas, que desconheciam os banhos públicos antes da chegada dos romanos, vicejam complexos termas de matriz imperial, que seguem o modelo romano monumental e simétrico que caracteriza suas construções, no Egito encontramos um panorama inteiramente diverso. Atribuimos esta discrepância à influência da cultura balneária grega, solidamente estabelecida em território egípcio ao longo dos trezentos anos de domínio ptolomaico que se seguiram à conquista de Alexandre em 331 a.C. Em suas plantas, suas dimensões, suas formas de se banhar, e na rejeição ou adoção parcial e tardia das inovações técnicas e arquitetônicas romanas, notadamente o aquecimento por hipocausto, os banhos no Egito apresentam feições próprias, frutos de escolhas locais, e constituem um caso atípico de especificidade regional.

**Palavras-chave:** Províncias romanas; Banhos públicos; Egito; Trocas culturais; Identidade.

### 1. Práticas balneárias nas províncias romanas

existe uma enorme variabilidade no corpo documental e no conjunto de vestígios encontrados.

#### 1.1 Províncias norte-africanas

Quando falamos de banhos<sup>1</sup> e práticas balneárias nas províncias romanas,

Quer consideremos as fontes primárias romanas, quer as fontes históricas posteriores, reina uma enorme confusão a respeito dos termos, desde sua origem. “*Thermae*” e “*balnea*” foram usados indistintamente para designar um mesmo edifício, diferentes partes de um mesmo edifício, por um ou mais autores, em momentos distintos, e também ao mesmo tempo (Fagan 2013:14-19). Autores mais recentes tentaram propor uma unificação a partir de critérios variando entre tamanho, monumentalidade, aquecimento da água ou cronologia, mas sem sucesso. O mais próximo de um consenso que temos é a restrição do termo “termas” aos imponentes edifícios datados do período imperial, e seguindo uma planta específica, monumental e simétrica.

(\*) Mestre em Arqueologia pelo MAE-USP. Pesquisadora do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial, LARP-MAE/USP <claudia.gradim1963@gmail.com>.

(1) Optamos pela denominação “banhos” em função de a bibliografia não apresentar uma coerência conceitual a este respeito.

Estamos falando, afinal, de aproximadamente quinhentos anos, e de toda a extensão geográfica do Império.

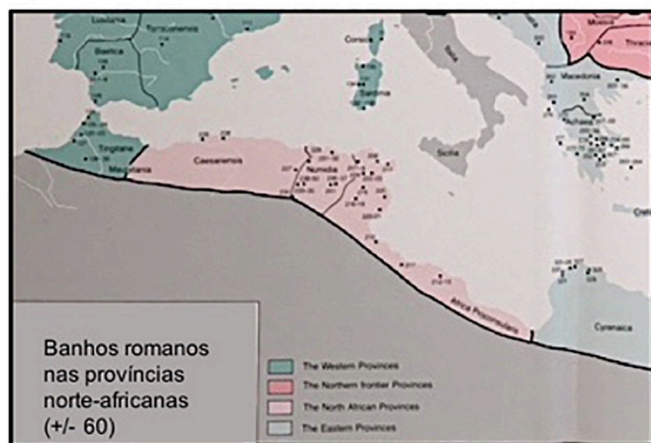
Este estudo pretende ilustrar brevemente as diferenças entre as práticas balneárias nas províncias norte-africanas e aquelas desenvolvidas no Egito, tradicionalmente considerado pelos estudiosos como parte das províncias orientais no Império Romano, entre os séculos I e IV d.C. (Fig.1A e Fig.1B).

No período que antecedeu a conquista romana, nas províncias norte-africanas o banho era praticado em âmbito doméstico e privado, estando ligado a aspectos de higiene corporal ou purificação ritual e/ou religiosa. A partir do século I d.C., as populações romanas estabelecidas neste território importaram e implantaram *ex-nihilo* a cultura balneária então praticada nas áreas metropolitanas, bem como em outras partes do Império. O banho se torna público, uma atividade social e diária, numa transformação sem precedente. Um empreendimento desta magnitude somente poderia ser assumido pelo poder central, localmente constituído. Embora nem sempre seja possível determinar com segurança quem financiou a construção das imponentes termas

da África do Norte, a documentação atualmente disponível permite afirmar que raramente os imperadores tinham participação direta na doação dos recursos. Essa cabia às elites locais ansiosas por homenageá-los, conforme atestam os nomes que recebem, como é o caso das Termas de Antonino em Cartago e das Termas de Adriano em Leptis Magna. O mesmo se aplica à restauração e à reconstrução de edifícios danificados ou destruídos, o que é ilustrado por farta epigrafia (Nielsen 1993:85-87).

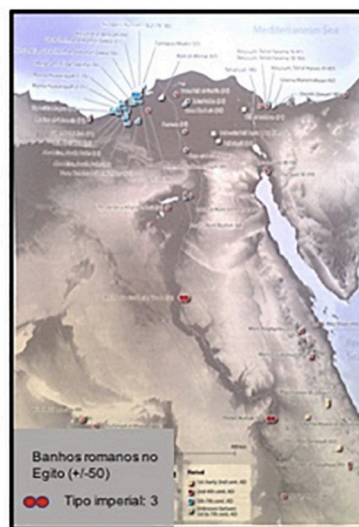
Vemos assim a construção de edifícios balneários que seguiram o modelo metropolitano imperial em sua forma mais acabada, em especial a partir do século II. Suas principais características são a monumentalidade, a simetria de suas plantas, as dimensões avantajadas, a alta complexidade técnica e construtiva, o controle da temperatura e da umidade, do calor e da água, e a suntuosidade da decoração. É verdadeiramente impressionante a homogeneidade que caracteriza este grupo de banhos no tocante a estes aspectos, em particular este último. As termas norte-africanas só encontram paralelo nas termas da própria Roma, e alguns exemplos na Ásia, em seu luxo decorativo, com seus mosaicos policromados, seus mármore,

### DISTRIBUIÇÃO DOS BANHOS NO TERRITÓRIO AFRICANO



Fonte: NIELSEN, 1993; contracapa

A



Fonte: REDON, 2017; p. 311.

B

Figs. 1A e 1B. Distribuição dos banhos no território africano. Fontes: Fig. 1A: Nielsen 1993: contracapa; Fig. 1B: Redon 2017: 311.

suas pinturas murais e suas estátuas. Evidentemente há diferenças, por exemplo nos padrões decorativos. Outras têm a ver com escolhas locais inclusive tipológicas, disponibilidade de materiais ou restrições do terreno disponível para a construção projetada, pois termas demandam grandes espaços e estes normalmente só se encontram fora dos limites das cidades. Contudo, ao importarem uma prática cultural e os edifícios que a materializaram, sem encontrar uma tradição local independente com que se fundissem, as populações destas províncias oferecem sua própria interpretação do que é esta faceta da vida quotidiana na metrópole, e legam aos estudiosos destas práticas um rico acervo.

### 1.1.1 Características dos banhos norte-africanos

Embora exibam diferenças regionais e mesmo locais dentro de uma mesma cidade, conforme mencionado acima, os edifícios termais do Norte da África compartilham um expressivo conjunto de características comuns. Dentro do universo de aproximadamente 60 edifícios balneários documentados, selecionamos três que consideramos bem representá-las. O primeiro é um dos 13 edifícios balneários existentes em Timgad, na província da Numídia – os Grandes Banhos Norte. Datam do final do século II ou início do século III, e têm 4.500 m<sup>2</sup> (Fig. 2). O segundo são as Termas Antoninas de Cartago, na África Proconsularis. Datam do reinado de Antonino Pio (138-161), foram reformadas várias vezes nos séculos seguintes, e se estendem por impressionantes 39.900 m<sup>2</sup> (Fig. 3). E finalmente as Termas de Adriano, em Leptis Magna, na Tripolitania, construídas no primeiro quartel do século II e remodeladas duas vezes, com 5.750 m<sup>2</sup> (Fig. 4). Todos três foram construídos no período compreendido entre o início do século II e o início do século III, considerado o ápice construtivo imperial nas províncias (Nielsen 1993:85).

Podemos assim enumerar, de forma sucinta, os aspectos que os distinguem:

**Monumentalidade** – expressa nas dimensões generosas das áreas que ocupam, na presença de elementos arquitetônicos tais como arcos, colunas e abóbadas, em seus ambientes de pé-direito

### TIMGAD – GRANDES BANHOS NORTE

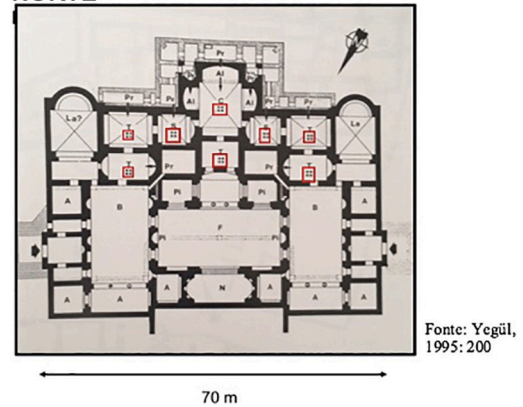


Fig. 2. Timgad, grandes banhos, Norte. Fonte: Yegül 1995:200.

### CARTAGO – TERMAS ANTONINAS

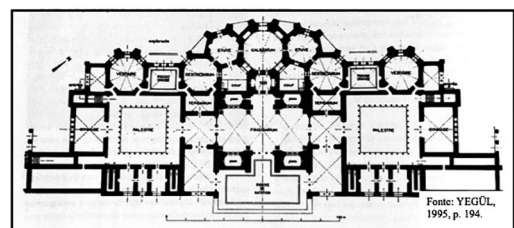
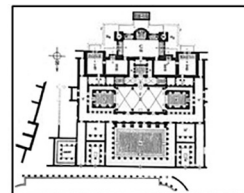


Fig. 3. Cartago – termas antoninas. Planta. Fonte: Yegül 1995:194.

### LEPTIS MAGNA – TERMAS DE ADRIANO

Planta



Corte



Fig. 4. Leptis Magna. Termas de Adriano. Planta. Fonte: Yegül 1995:188.

alto, em suas fachadas imponentes.

**Simetria** – suas plantas possuem quase sempre uma simetria quer simples, quer “em espelho”, imediatamente aparente.

**Itinerário completo** – na maior parte das vezes o programa de banhos proposto conta com todos os cômodos aquecidos (caldário), tépidos (tepidário), frios (frigidário), sudoração

úmida (sudatório) e seca (lacônico), salas para untar-se de óleo e receber massagens (*aleipterion/destrictorium/unctorium*), além de piscinas coletivas grandes (*natatio*) e pequenas (*piscina*), frias ou aquecidas. Igualmente presentes são os grandes espaços abertos como pátios, *basilica* e palestras, jardins e biblioteca.

**Decoração suntuosa** – composta por revestimentos de pedras decorativas apreciadas como mármore, pinturas decorativas nas paredes, mosaicos policromados nos pisos e nas abóbadas, e uso farto de esculturas, com ênfase em estátuas.

**Aquecimento por hipocausto** – (“fornalha que aquece por baixo”), o sistema romano de aquecimento por excelência. O piso é suspenso sobre uma série de pilares baixos dispostos simetricamente. Por entre eles circulam ar e gases quentíssimos, produzidos por uma fornalha externa, o *praefurnium*, que são distribuídos pelas partes aquecidas do edifício através de tubulações especiais nas paredes. Pisos, paredes, água e piscinas podem ter suas temperaturas controladas.

## 1.2 O panorama no Egito

O contingente romano que se estabeleceu no Egito após sua conquista em 31 a.C., entre administradores, comerciantes e soldados, defrontou-se com o hábito da prática dos banhos públicos plenamente enraizado no cotidiano e na arquitetura desta província. Três séculos se tinham passado desde a conquista macedônica, o que resultara na importação maciça do modo de vida grego, com suas instituições, seus edifícios e suas práticas cidadãs, notadamente a vida nos ginásios. A esses se associavam os edifícios balneários, inseparáveis complementos das práticas atléticas e educacionais da cultura helênica. Junto a fortes e fronteiras, desertos e oásis, em aglomerações urbanas até mesmo de pequeno porte, por todo o território egípcio do período ptolomaico encontravam-se banhos públicos, cuja popularidade junto à população nativa fora imediata.

Estes banhos reproduziam as características típicas da matriz metropolitana grega, com pequenas variações locais atribuíveis à influência cultural egípcia, em especial a preocupação com a contaminação das impurezas do “outro”.

Resumimos e ilustramos a seguir essas características.

### 1.2.1 Características dos banhos de tipo grego no Egito ptolomaico

A forma arquitetônica adotada para os banhos era o *thólos* – uma sala circular onde se encontrava um número variável (de 2 a 25 em média) de banheiras **individuais** rasas e planas, chamadas *pyelos*, que consistiam em um assento, um encosto e apoios para os braços. Estas se encontravam dispostas lado a lado formando uma coroa. No Egito é especialmente comum a presença de dois *thóloi* num mesmo edifício balneário (Fig. 5), e é comumente aceita a explicação proposta por alguns estudiosos, e apoiada pela documentação papirológica, que isso se deveria ao uso separado por gêneros (Nielsen 1993; Redon 2009; Redon 2017). Esses ambientes normalmente não são aquecidos. Nestas banheiras o banhista se senta, e derrama sobre si, ele mesmo ou um funcionário dos banhos, a água, que pode ser fria ou previamente aquecida. A água usada é escoada por um orifício situado entre seus pés.

Em outro aposento encontram-se banheiras para imersão, usualmente individuais, podendo raramente ser um pouco maiores e acomodar mais de um banhista (Fig. 5). Sua água poderia ser aquecida em reservatórios aquecidos por caldeiras, e trazida manualmente em recipientes próprios, como ânforas e bacias.

As dimensões das construções são relativamente reduzidas e sua decoração, pelo que nos permitem inferir os vestígios disponíveis, bastante modestas. Os banhos ptolomaicos têm um caráter prático e funcional, e são desprovidos da monumentalidade, simetria e a variedade de salas e cômodos que viriam a caracterizar as termas imperiais.

### 1.2.2 Os Banhos no Egito romano

Em seu estágio atual, os estudos das práticas balneárias no Egito nos permitem afirmar que o fenômeno das grandes termas imperiais que prosperaram nas províncias do Norte da África nunca chegou verdadeiramente ao Egito. Dentre os cinquenta edifícios repertoriados até

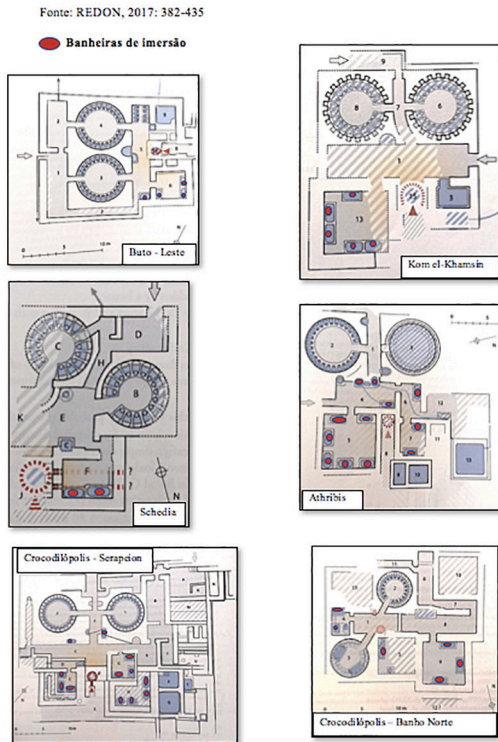


Fig. 5. Alguns banhos ptolomaicos no Egito. Fonte: Redon 2017: 382-435.

o presente (Fig. 1), apenas três casos se encaixariam teoricamente nesta classificação, e todos os três são problemáticos, cada um a seu modo, como veremos.

O primeiro caso é o de Antinoópolis. Nada sobrevive destas termas senão um relato e um desenho da expedição napoleônica de 1817 (El-Masekh *et al.*, *apud* Redon 2017:266). Mesmo àquela altura pouco restava de suas ruínas, e tanto a simetria quanto a monumentalidade têm que ser deduzidas a partir das parcas evidências físicas.

O segundo exemplo são os banhos romanos de Karnak. Construídos ao lado dos banhos ptolomaicos, às portas do Templo, esses banhos apresentam a multiplicidade de salas, a simetria, a fartura de elementos aquáticos, o sistema de aquecimento por hipocausto e a decoração primorosa que distinguem um complexo termal romano típico. No entanto, têm dimensões diminutas se comparados à média da superfície ocupada pelas termas imperiais do período (1.200 m<sup>2</sup>, contra 4.500 m<sup>2</sup>, 5.750 m<sup>2</sup> ou 39.900 m<sup>2</sup>

dos exemplos citados acima). Embora exibam todos os elementos necessários, configuram de fato um modelo miniaturizado de um edifício termal, em que possivelmente a monumentalidade estivesse ausente.

O terceiro e último exemplo são as termas imperiais de Kom el-Dikka, em Alexandria (Fig. 6). Ocupam 6.000 m<sup>2</sup> no que à época de sua construção, no final do século IV, era a área central da capital do Egito imperial, como fora do Egito ptolomaico. Especula-se se teriam sido construídas por ordem do então imperador Constantino, para o que não há comprovação documental. O fato é que sua comprovada datação tardia contrasta com a cronologia da fase de maior impulso construtivo dos dois séculos anteriores nas outras províncias, o que sugere a intrigante indagação: por que o Egito teve que esperar até o final do século IV para ter suas primeiras termas verdadeiramente imperiais? Como então se banhavam os habitantes do Egito romano?

Ao que tudo indica, praticamente da mesma forma que os habitantes do Egito ptolomaico, ao menos durante um século e meio. Observa-se de fato uma grande continuidade nas práticas, e muitas tradições persistem, materializadas na manutenção dos *thóloi* e das banheiras individuais de assento (*pyelos*), mais de

**Aquecimento por hipocausto**

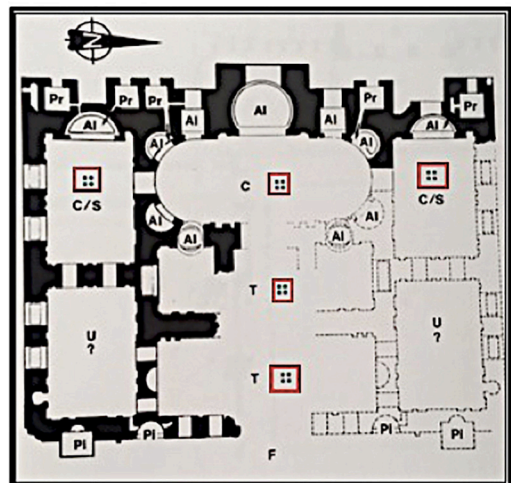


Fig. 6. Termas Imperiais de Kom el-Dikka. Planta. Fonte: Nielsen 1990:191.

um século depois de terem sido completamente abandonadas no restante do mundo imperial.

Os edifícios conservam dimensões e decoração mais modestas que suas contrapartes. Banhos são continuamente reformados e renovados, outros são construídos. Contudo, em lugar das grandes piscinas coletivas aquecidas ou não, a inovação consiste em acrescentar mais banheiras individuais de imersão, e ocasionalmente piscinas de pequenas dimensões, para poucos banhistas. As imensas piscinas públicas das termas de Roma nunca conquistaram o público egípcio, e não se encontraram vestígios de nenhuma até agora. Vários estudiosos veem nisso um traço cultural egípcio, resultante de sua extrema preocupação com a higiene, e rejeição ao contágio com as impurezas dos outros (Broise 2009:14).

O aquecimento por hipocausto também foi uma importação tardia em relação às outras regiões do Império, demorando um século e meio a ser adotado de maneira regular. A água, portanto, continua a ser aquecida e transportada manualmente, e os pisos e paredes permanecem frios em grande parte dos casos. Mesmo alguns sistemas de aquecimento mais rudimentares, como uma espécie de pré-hipocausto, que foram utilizados em outras províncias, como na Sicília por exemplo, não foram usados no Egito. Como não é crível que as populações desconhecem essas inovações, dado o intenso tráfego de pessoas, mercadorias e ideias no interior do Império, temos que supor que essas tenham sido escolhas locais, motivadas por mero desinteresse.

Destacamos aqui dois banhos do período romano para melhor ilustrar o exposto acima. O primeiro é Karanis (Fig. 7). Fica na região do Oásis do Fayum, e é conhecido como Banho Norte. Presumivelmente havia outros, mas não foram encontrados. Tem aproximadamente 200 m<sup>2</sup> apenas, e foi construído no século I, portanto, já na era imperial, tendo sido remodelado posteriormente em data de difícil verificação. Observe-se que tem somente duas banheiras, ambas individuais, uma na sala aquecida (caldário) e uma na sala fria (frigidário). Seu programa balneário é, portanto, bem simples, permitindo a presença de apenas dois banhistas ao mesmo tempo efetivamente se lavando. Todavia, possui uma delicada decoração parcialmente preserva-

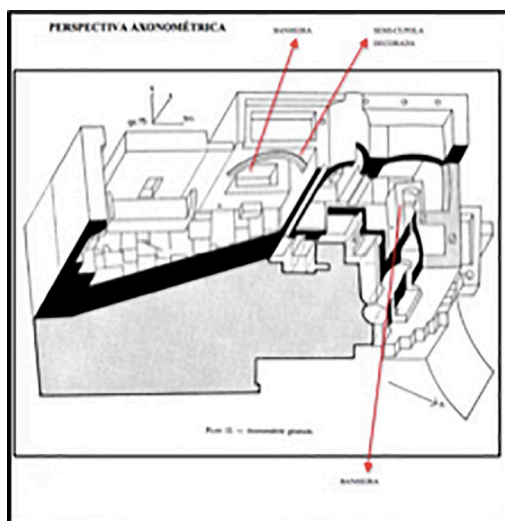


Fig. 7. Karanis – o Banho Norte. Fonte: El-Nassery et al. 1975: 231.

da na parede da cúpula que encobre a banheira do frigidário, com folhas de parreira e cachos de uva em policromia, demonstrando apuro e preocupações estéticas.

O segundo exemplo é o Banho Norte de Buto, situado na região do Delta, e cobrindo algo em torno de 350 m<sup>2</sup> (Fig.8). Trata-se de um caso interessantíssimo na medida em que tem três estágios construtivos bem documentados, o que nos possibilita investigar reformas e modificações com relativa precisão. Lamentavelmente, o período mais recente, justamente o romano, por sua posição estratigráfica, é o que se encontra mais danificado. O hipocausto, perfeitamente documentado nos relatórios de escavação das décadas de 1960/1970, hoje desapareceu por completo, sobrevivendo apenas naqueles registros (Charlesworth 1970).

O primeiro estágio data do período ptolomaico, e sua planta confirma a matriz grega de sua forma de se banhar, com um *thólos* confirmado, e outro presumido, além de duas banheiras de imersão. Segue-se um estágio dito misto, do período romano inicial, atestado pela presença de um hipocausto para ao menos uma sala, uma sala para latrinas, e a inclusão de pelo menos cinco banheiras de imersão individuais, o que acarretou a destruição do segundo *thólos*. Note-se que o outro foi mantido, com suas 22 banheiras. Esse só seria destruído no terceiro

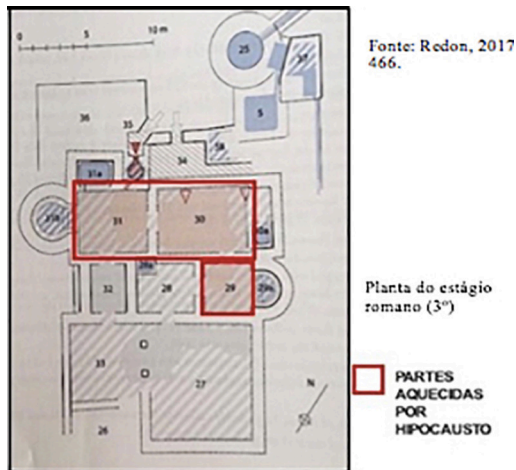


Fig. 8. Buto – o Banho Norte. Fonte: Redon 2017: 466.

estágio, integralmente romano, com ampliação do hipocausto para aquecer mais salas, e a construção de duas banheiras suplementares (Redon 2017).

Infelizmente não é possível determinar com precisão as datas da transição de um para outro estágio, dado o estado do sítio quando de sua escavação. Porém, as sucessivas modificações são, ainda assim, preciosos indicadores das mudanças nos gostos e nas escolhas construtivas dos idealizadores, exploradores e frequentadores dos banhos ao longo do tempo.

## 2. Conclusão

As práticas balneárias e os edifícios a elas dedicados variaram enormemente dentro do território do Império romano ao longo dos séculos. Postulamos que a forma que tomaram é diretamente determinada pela presença ou

ausência de uma cultura balneária anterior à conquista. Nas províncias onde tais práticas eram desconhecidas na forma como eram praticadas em Roma, sua implantação seguiu o modelo metropolitano sem sofrer grandes influências locais, ainda que essas sejam discerníveis, resultando na reprodução de padrões arquitetônicos e hábitos culturais bastante próximos daqueles consagrados na metrópole. As províncias do Norte da África são o exemplo mais claro deste movimento.

Na Ásia Menor e nas Províncias Orientais, como a Grécia, a Palestina, e principalmente o Egito, onde a prática dos banhos públicos quotidianos está profundamente enraizada desde a difusão por séculos do modo de vida helenizado, o quadro é inteiramente diverso. Constatamos o emaranhamento das antigas formas culturais com as novas, trazidas pelo conquistador, configurando um panorama de manutenção de tradições combinadas à adoção de inovações técnicas, arquitetônicas e culturais, num movimento permanente de continuidade e ruptura.

Tal movimento é ditado pelas escolhas locais, ao nível de sua prática quotidiana, e levadas a cabo por todos os atores envolvidos no processo: os construtores dos edifícios balneários, seus exploradores comerciais, e o público que os frequenta – variado étnica e socialmente. Gregos, egípcios “nativos”, egípcios “helenizados”, romanos, todos em maior ou menor grau contribuem para dar aos banhos no Egito romano suas feições particulares. O predomínio da influência dos banhos de tipo grego, a adoção tardia do hipocausto e a manutenção de formas de banho individuais típicas de eras anteriores, são alguns dos traços característicos deste que se pode chamar de modelo regional egípcio.

GRADIM, C. R. C. Greek tradition, Roman innovation: baths in North Africa - the Egyptian case. *R. Museu Arq. Etn.*, 32: 79-86, 2019.

**Abstract:** Among the various cultural practices brought to the provinces after the Roman conquest, baths figure prominently due to their long duration, the vast territory they cover on three continents, and the remarkable number of remains they've left behind. When compared against each other, the architectural features of this body of buildings exhibit a significant variability as we move through time

and space. While the North-African provinces, which were strangers to public bathing practices before the Roman conquest, boast thermal complexes built according to the imperial model, monumental and symmetrical, in Egypt we contemplate a wholly different panorama. This discrepancy can be attributed to the influence of Greek bathing culture, firmly rooted in Egyptian soil throughout three hundred years of Ptolemaic rule after Alexander's annexation in 331 BC. Egyptian baths display original features generated by local choices, and constitute an atypical case of regional model – in their plans, their dimensions, their bathing forms, and in the rejection, or partial and often belated adoption of new Roman techniques and architectural innovations, particularly heating by hypocaust.

**Keywords:** Roman provinces; Public bathing; Egypt; Cultural exchanges; Identity.

#### Referências bibliográficas

- Almeida, A. S. 2015. *As thermae e balnea nas Hispaniae Romanae – II a.C. – III d.C.* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Boraik, El-Masek, T.; Piraud-Fournet, P. 2017. The Roman Baths at Karnak, Between River and Temples. In: Redon, B. (Ed.) *Collective baths in Egypt*. IFAO, Cairo, parte 2: 221-266.
- Boussac, M-F.; Fournet, T.; Redon, B. (Eds.) 2009. *Le bain collectif en Égypte*, IFAO, Cairo.
- Broise, H. 2009. Entre continuité et rupture, l'introduction des pratiques balnéaires grecques et romaines em Égypte. In: Boussac, M-F.; Fournet, T.; Redon, B. (Eds.) *Le bain collectif en Égypte*. IFAO, Cairo, Introdução: 9-15.
- Castel, G. 2009. Le bain nord de Karanis. In: Boussac, M-F.; Fournet, T.; Redon, B. (Eds.) *Le bain collectif en Égypte*. IFAO, Cairo, parte 4: 229-245.
- Charlesworth, D. 1970. The Tell el-Fara'hin Excavation, 1969, *JEA*, vol. 56: 19-28.
- Fagan, G. 2013. *Bathing in public in the Roman world*. The University of Michigan Press, Ann Arbor.
- Kołataj, W. 1992. *ALEXANDRIE VI: Imperial baths at Kom el-Dikka*. Centre d'Archéologie Méditerranéenne de l'Académie Polonaise des Sciences, Varsóvia.
- Nielsen, I. 1993. *Thermae et Balnea. The Architecture and Cultural History of Roman Public Baths*. Aarhus University Press, Aarhus.
- Redon, B. (Ed.) 2017. *Collective baths in Egypt*. IFAO, Cairo
- Redon, B. 2012. Établissements balnéaires et présences grecque et romaine en Égypte. In: Ballet, P. (Ed.) *Grecs et Romains en Égypte – Territoires, espaces de la vie et de la mort, objets de prestige et du quotidien*, IFAO, Cairo, parte 2, 155-169.
- Redon, B.; Lecuyot, G.; Abd El-Rafa Fadl, M. 2012. Les bains égyptiens: Bouto et ses complexes balnéaires. *Archéologia*, n° 503: 22-27.
- Yegül, F. 1995. *Baths and Bathing in Classical Antiquity*. The MIT Press, Cambridge/Mass
- Yegül, F. 2010. *Bathing in the Roman World*. Cambridge University Press, Cambridge.